



# CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Fundado em 1933. "Estimular, apoiar e promover o estudo de todas as questões sociais, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo dentro da coletividade próspera e livre!"

Rua Dr. Vila Nova nº 81, 4º andar, sala 41-Vila Buarque. Caixa Postal 2066 SP/SP CEP 01060-970  
Fone: 0xx11.3362-0663 e-mail: ccssp@uol.com.br

## 70º ano da morte de Errico Malatesta.

Não poderíamos deixar passar o 70º ano da morte de Errico Malatesta. Nós, deste Centro, que em julho de 1933 iniciou sua obra tendo como uma das suas primeiras atividades comemorar o 1º ano de sua morte, sentimos com orgulho e felicidade poder fazê-lo agora passado tantos anos: é que o anarquismo nos tem dado essas grandes figuras cuja memória o peso dos tempos jamais verga.

O anarquismo pós-Comuna de Paris ganharia uma geração de jovens anarquistas, autodenominados comunistas, que marcaria profundamente sua trajetória e impulsionaria seus métodos de maneira extraordinária. De fato, um outro impulso seria dado ao anarquismo numa direção distinta daquela que inspirava Bakunin. Essa jovem geração acolherá não apenas o encanto incendiário de Bakunin, como também os amargos sabores daqueles tempos sombrios de repressão à Comuna.

Malatesta no cenário dessa geração de anarquistas comunistas é uma pessoa singular. Vernon Richards e Max Nettlau apontam nele a ponte entre o anarquismo da segunda metade do século XIX e a primeira do século XX.

Nasceu em 14 de dezembro de 1853, em Nápoles, de uma família abastada. Conhece Severino Merlino quando se dedica aos estudos clássicos em uma escola religiosa. Aos quatorze anos escreve uma carta insolente ao rei Victor Manuel II que o leva à prisão onde fica detido um dia. De volta à família o pai, de formação liberal, tentou dar-lhe lições de moderação. Não pretendia segui-lo e ouviu as seguintes palavras: "*Pobre filho meu, sinto em dizer-lhe, porém acabarás na forca*". Aos dezesseis anos torna-se republicano e mantém vivas simpatias por Giuseppe Mazzini. Todavia, teve seu pedido de adesão a Alleanza Republicana Universale negado por Mazzini, o que o lançou às fileiras da Internacional em 1871 onde veio a conhecer, entre outros, Giuseppe Fanelli.

Dedicou-se de corpo e alma a seção italiana, interrompeu seus estudos superiores de medicina e atirou seu patrimônio na propaganda e na organização anarquistas. Dirige-se ao congresso de Saint-Imier, em

1872, porém antes encontra-se, pela primeira vez, com Bakunin, em Zurich, onde permanece dezesseis dias. A relação entre os dois passará a ser estreita e freqüente o que fará do jovem italiano um secretário ocasional de Bakunin. Com efeito, observará Nettlau que: "*Bakunin viveu conosco por que sobreviveu durante mais de meio século na modesta figura de Malatesta*".

Algumas distinções marcarão os métodos de ação entre os dois militantes. Ao contrário de Bakunin, Malatesta não será o "incendiário", o propagandista poderoso, ardente e irresistível ao qual se atribui a personalidade de Bakunin. Certamente, tal como o russo, tinha o "diabo no corpo", traço que os aproximara e que dele fará um homem de ação para a qual subordinou o teórico. Somente escreverá sob o imperativo da hora.

Mas a fascinação e o entusiasmo que exercia Malatesta era de outra natureza. Não lançava mão de grandes palavras, nem tampouco utilizava uma literatura rebuscada e eloqüente. Neste sentido, segundo Fabbri, "seu melhor livro Malatesta o escreveu com sua própria vida". De fato, essa observação coloca uma dimensão do anarquismo que é muito valorizada e que trata do "exemplo como sendo a melhor das propagandas", seja ela oral ou escrita. Trata-se da "vida vivida" do anarquista como sendo a mais eficaz expressão em detrimento do mais completo sistema ou programa de idéias. É a "atitude anarquista" que transpõe o que é meramente eidético, aquilo que diz respeito às essências, e inaugura sua existência, seu uso e disposição

ética. É na atitude que o anarquista faz a verdadeira propaganda.

Em Malatesta isso é enfático. Fabbri recorda o dia que o conheceu como sendo "o da impressão mais forte de sua longínqua juventude". Neste primeiro encontro, iniciou com ele uma discussão num sábado que durou até as três da manhã do dia seguinte, interrompida para descansar e despertar às sete da manhã para continuar a conversa que somente terminaria ao anoitecer. Depois disso, a anarquia que lhe era a fé mais radiante de sua primeira juventude, torna-se convicção profunda: "*Porém aquele primeiro encontro que tenho narrado foi o que decidi toda minha orientação mental e espiritual, e posso dizer também toda minha vida. Recordo, como se fosse ontem, que, sobre muitos argumentos de que antes me parecia estar muito seguro, discutia, discutia, discutia... Porém, ao fim meus argumentos convenciam menos e não falava mais que para replicar; já os de Malatesta me afetavam amplamente por sua lógica, uma lógica tão sensível que me parecia que uma criança saberia compreendê-la e que ninguém poderia negar sua evidência*".

Malatesta convencia mais pela sua pessoa do que por uma lógica aparente. Ao falar às multidões o elemento que fazia penetrar na mente e no coração de quem lhe ouvia era precisamente a firmeza que se difundiam em suas palavras. O interlocutor era atraído não por um palavreado rebuscado, mas por um sentimento que despertava as "melhores qualidades da alma" e que provocava a confiança em si mesmo e nos homens. Esse "fundo" de sensibilidade política a tudo que é intolerável e inaceitável, uma espécie de racionalidade estética, contido nas palavras de Malatesta é de onde resulta sua eficácia persuasiva e provoca sua enorme influência nos lugares mais dispares e antagônicos, lá onde sempre sobra sensibilidade e falta arrogância. É assim que a ex-rainha de Nápoles, Maria Sofia, nutria profunda impressão por Malatesta; é também como Malatesta, durante um processo, fez correr as lágrimas de alguns juizes e policiais ao falar das famílias operárias. Fabbri menciona como o juiz Alípio Alippi, católico e reacionário, lhe comentara sobre

Malatesta que tinha conhecido por razões de ofício, declarando que "se todos os anarquistas tivessem sido como Malatesta, a anarquia teria podido ser uma realização da palavra de Cristo". E quando, em 1913-14, os guardas encarregados em vigiar dia e noite a porta de sua casa, se lhe perguntavam se ele não escaparia durante seu revezamento, eles respondiam: "Um homem tão bom como ele não pode fazer nenhum mau". Do mesmo modo aconteceu durante um *meeting* em Persieto no ano de 1920. O pequeno coreto da praça onde iria falar Malatesta estava cercado de uma numerosa patrulha de *carabinieri* muito bem armados. "*Parecia uma provocação*". Perguntou-se a Malatesta se não seria necessário exigir a saída da força pública: "Não respondeu -, deixem-os tranqüilos; também falarei para eles". E passou a falar da miséria das famílias camponesas de Itália dentro das quais o Estado recruta, aproveitando-se do impulso da fome de que padecem, a maioria dos *carabinieri* e agentes de polícia; falou das mães cujos filhos muitas vezes não voltavam a verem novamente: "*No silêncio os ouvintes empalideciam sem ódio algum já; os mais pálidos pareciam os carabinieri, nos olhos dos quais se lia claramente um sentimento por completo novo, talvez, para aquelas almas. De repente se viu o tenente fazer um breve gesto a sua tropa; e esta, alinhada, volta à espada ao palco do orador, desfilou um instante até sair. O tenente havia se assistado da impressão que as palavras de Malatesta causavam em sua gente e que acreditou mais prudente ==>*



==> *faça-la sair e deixar o meeting se desenvolver sem vigilância alguma*".

Certa vez num momento de crise quando se encontrava em Londres, os amigos o aconselharam a vender coisas na cidade. Adquiriu, então, um carrinho de mão e alguns doces e saiu. Já no primeiro dia aproximou-se um menino mal vestido e pediu um doce de graça. Malatesta deu-lhe de imediato seguido de carícia afetuosa. Aos poucos chegaram mais e mais crianças até que Malatesta se viu cercado delas que ganharam todos os doces que venderia. Ao ser perguntado por Kropotkin como andava o novo ofício, respondeu sorridente: "Clientela não me faltaria, porém me faltam os meios de adquirir as mercadorias".

É preciso insistir que essa disposição para bondade, que não deve ser confundida com fraqueza, se trata de uma bondade viril. Se trata de uma capacidade de julgamento e de diferenciação, que repousa sobre a sensibilidade. Era para ele nada mais que anarquia, era arma de luta e fermento de rebeldia. Para Malatesta a existência anarquista não se limitava a persuasão lógica e teórica acerca da injusta organização social capitalista; não bastava a simples manifestação do convencimento de uma melhor organização. Para fazer um anarquista isso era insuficiente se, antes de tudo, o anarquista não sente a dor dos males sociais alheios: "*Anarquista é, por definição, aquele que não quer ser oprimido e não quer ser opressor; aquele que quer o máximo de bem estar, a máxima liberdade, o máximo desenvolvimento possíveis de todos os seres humanos. Suas idéias, sua vontade tem origem no sentimento de simpatia, de amor, de respeito frente a todos os homens; sentimento que deve ser bastante forte para induzi-lo a desejar o bem dos demais como o seu próprio e a renunciar aquelas vantagens pessoais que exigem, para serem obtidas, o sacrifício dos demais. Se não fosse assim, por que deveria ser inimigo da opressão e não procurar, ao contrário, converter-se em opressor?*" (Volontà, 15/06/1913).

Para Malatesta o valor anarquista reside num sentimento que se pode ter pela vontade. Esse sentimento é a generosidade voluntária e deliberada pelo próximo, pelo desejo do bem estar alheio e pela sua liberdade: "*Que não nos venha com "filosofias" a nos falar de egoísmo, altruísmo e outros quebra-cabeças. Estamos de acordo: somos todos egoístas, todos buscamos nossa satisfação. Porém é anarquista aquele cuja máxima satisfação é a de lutar para o bem de todos*".

É que para Malatesta o ódio à opressão e o desejo de poder expressar a própria personalidade não bastam para fazer de alguém anarquista; essas aspirações devem ser acompanhadas pelo desejo de que todos desfrutem de igual liberdade, e desta junção se funda um *estilo* sem o qual não se pode obter mais que rebeldes, rebeldes que, quando possuem os meios, se convertem em opressores: "*Há indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, com grandes necessidades materiais ou intelectuais, que, ao ter pertencido a classe dos oprimidos, querem a todo custo emancipar-se e não rechaçam a idéia de converter-se a sua vez um dia em opressores: indivíduos que, ao encontrar-se coagidos pela sociedade atual, desprezam e odeiam todo tipo de sociedade, e que, ao ver que é absurdo querer viver fora da coletividade humana, desejariam submeter a sua vontade, a satisfação de suas paixões, toda a sociedade, a todos os homens. A estes, quando conhecem literatura, chamam-lhe super-homens. Estes não têm escrúpulos; eles querem "viver sua vida"; riem da revolução e de toda aspiração futura, querem desfrutar hoje a todo custo do que seja; estes sacrificariam toda humanidade por uma hora (há quem o diga assim textualmente) de "vida intensa". Estes são rebeldes, porém não são anarquistas*".

Definia a anarquia como uma aspiração humana que não parte de nenhuma verdade, ou suposta verdade, ou necessidade natural, e cuja realização depende unicamente da vontade dos homens. Ela aproveita os meios que a ciência põe ao seu alcance, tanto quanto aproveita igualmente os progressos filosóficos: "*porém não pode ser confundida, sem cair no absurdo, nem com a ciência, nem com qualquer sistema filosófico*".

Exceto os seus numerosos artigos aos quais sempre foram escritos tendo como mira debater e orientar o público anarquista serão seus cinco ensaios considerados os mais representativos de seu pensamento: "Entre Camponeses", "No Café", "Em Tempo de Eleições", "A anarquia" e "Nosso Programa"; destes cinco ensaios, os três primeiros são escritos na forma de diálogos dirigidos ao público geral, onde questões cotidianas levam a exposições muito completas das concepções anarquistas; o mais célebre deles, "Entre Camponeses" (Fra Contadini, 1884) leva seu interlocutor a absorver as idéias sem disso aperceber-se; trata-se, em suma, de uma técnica que, levando o interlocutor a contradizer-se, o faz problematizar-se a si mesmo e onde, ao invés de "informar", "forma" nele valores que, ao contrário do discurso impessoal, recobre uma dimensão ética da adesão voluntária de seu interlocutor; diz Fabbri que "*Malatesta conduzia a discussão e o raciocínio com o método que os pedagogos chamam "socrático", a*

*tal grau de fineza que não me parece que tenha sido alcançado por outros, ao menos entre os escritores modernos e de temas políticos e sociais*".

Os diálogos de Malatesta não visam construir uma teoria, nem uma norma ou demonstrar o bem; sua concepção anarquista é avessa a isso, ele não subordinou o anarquismo a nenhuma teoria filosófica ou científica, para ele o anarquismo é uma *atitude* antiautoritária e de solidariedade social, um alvo a realizar por uma *vontade* criadora e para a qual a finalidade da propaganda é a persuasão; aqui o sujeito ético é peça fundamental, pois de sua vontade depende a atitude anarquista. Segundo ele, a anarquia, fundada no respeito à personalidade e na generosidade às pessoas, a luta contra a opressão e exploração apenas pode ser fruto da vontade daqueles que não *querem* esse estado de coisas: "*Nosso dever é o de demonstrar a inutilidade e a nocividade do governo, provocando e fomentando, mediante a palavra e a ação, todas as iniciativas válidas, individuais e coletivas. Trata-se, ao fim das contas, de educar para a liberdade, de elevar a consciência a sua própria força e a sua própria capacidade dos homens, acostumados a obediência e a passividade. Há de se procurar que o povo atue por si só, ou pelo menos acredite atuar por si só, por instinto e própria inspiração, inclusive quando, na realidade, sua ação lhe seja sugerida. Quando um bom mestre de escola coloca um problema a um aluno, se este não é capaz de resolvê-lo já de início, o mestre lhe ajuda, lhe sugere a solução, porém o faz de modo que o aluno pense que chegou por si só ao resultado e adquira, por tanto, valor e confiança em suas próprias faculdades. É o que fazemos, ou deveríamos fazer, com a propaganda*" (L'Adunata dei Refrattari, 26/12/1931).

É por isso que a palavra *vontade* sintetizava bem a concepção de sociedade anarquista para Malatesta, uma vez que não pode ser mais que uma sociedade de homens que cooperam *voluntariamente* ao bem de todos. Ademais, a *vontade* lhe aparece como única força criadora tangível, única força que, operando por minorias e núcleos diversos de anarquistas, é capaz de ir subtraindo às "multidões volúveis" sua adaptação ao ambiente e seu estado de apatia. É preciso liberar das "massas" sua vontade para que ela perca o hábito de se deixar governar e para isso é preciso um longo e paciente trabalho de preparação e organização popular, sem cair na ilusão da revolução "a curto prazo", que apenas é factível pela iniciativa de poucos e por curto período: "*A anarquia não pode vir se não gradualmente, na medida em que a massa chegue a concebê-la e desejá-la*".

Ao lamentar o fato de que Malatesta nunca tenha se ocupado em sistematizar seu pensamento, Fabbri sublinhará que seu "*maior impedimento material foi que teve de trabalhar sempre para viver. É verdade que também este impedimento ele havia criado voluntariamente*"; ele quis aprender um ofício para viver. Desde então, Malatesta se entregou a um trabalho extenuante. Tornara-se mecânico ajustador de aparelhos elétricos e instalações de gás, atividade que o absorvia pela manhã até a noite tendo, muitas vezes, que lecionar para suprir alguma demanda financeira.

Por ocasião de seu exílio em Londres, Pietro Gori encontrou Kropotkin para visitarem Malatesta; ao chegarem, viram-no suspendendo um letreiro de uma firma comercial, exprimiu Kropotkin: "*Que homem admirável!*, ao que acrescentou Gori: "*Sim, Malatesta é admirável; porém que triste mundo é esse que obriga a uma inteligência tão alta a gastar tempo, energia e saúde em um trabalho como esse, que tantos outros saberiam realizar, impedindo-lhe de efetuar aquilo que só ele sabe fazer! E que grande erro de nosso movimento não achar um modo de permitir a este homem cumprir aquele trabalho, mais útil à humanidade, de que tão capaz ele é?*". E foi Fabbri quem o encontrou em Roma, em 1923 já com setenta anos, na mesma circunstância que fez Gori pronunciar as palavras acima. Concorde-se ou não com Gori, o que importa reter é que uma tal conduta diz respeito a um estilo que corresponde critérios éticos; não fora estranho à vontade de Malatesta essa vida de operário, ao contrário, foi por ele escolhida; não poderia, com efeito, viver da sua propaganda sem com isso fundar um *mau exemplo*, sem produzir no público um efeito negativo, *excessivamente inclinado a ver fins interesseiros e pessoais em tudo*. E eis a razão profunda que fez Malatesta render a causa anarquista o sacrifício de si mesmo e, mesmo sentindo chegar os últimos instantes de sua vida, o faria expressar a seus amigos que *queria viver ainda para fazer algo de bom*.

Malatesta, esse homem extraordinariamente modesto, morreu em 22 de julho de 1932, depois de uma crise de pneumonia dupla. Sua existência é em si mesma uma grande lição: sua pessoa se foi, mas sua obra ainda vive entre nós.

## AMOR E ANARQUIA\*

Errico Malatesta

A primeira vista pode parecer estranho que a questão do amor, e todas as que lhe são conexas, preocupem um grande número de homens e mulheres ainda que haja outros problemas mais urgentes, pelo menos mais importantes, que deveriam ocupar toda atenção e toda a atividade dos que buscam o meio de remediar os males de que sofre a humanidade.

Encontramos diariamente pessoas excluídas pela força das instituições atuais; pessoas obrigadas a comer miseravelmente e ameaçadas a cada instante em cair na miséria mais profunda por falta de trabalho ou pela conseqüência de uma doença; pessoas que se acham na impossibilidade de criar convenientemente seus filhos, que morrem aos poucos pela falta dos cuidados necessários; pessoas condenadas a passar suas vidas sem serem um só dia donas de si mesmas, sempre à mercê dos patrões ou da polícia; pessoas nas quais o direito de ter uma família e o direito de amar é uma ironia sanguinária e que, sem dúvida, não aceitam os meios que lhes propomos para subtrair-se da escravidão política e econômica, se antes não soubermos explicar-lhes de que modo, em uma sociedade libertária, a necessidade de amar achará sua satisfação e de que modo compreendemos a organização da família. E, naturalmente, esta preocupação se intensifica e foge ao controle depreciando mesmo os demais problemas naquelas pessoas que têm resolvido, particularmente, o problema da fome e que se acham em situação normal de poder satisfazer as necessidades mais imperiosas porque vivem em um ambiente de bem estar relativo. Este fato se explica pelo lugar imenso que ocupa o amor na vida moral e material do homem, visto que no domicílio, na família, é onde o homem gasta a maior e a melhor parte de sua vida. Explica-se também por aquela tendência frente ao ideal que arrebatava o espírito humano assim que se abre a consciência. Quando um homem sofre sem dar-se conta de seus sofrimentos, sem buscar o remédio e sem rebelar-se, vive semelhante aos brutos, aceitando a vida como lha encontra. Porém, assim que começa a pensar e a compreender que seus males não se devem a insuperáveis fatalidades naturais, senão a causas humanas que os homens podem destruir, experimenta imediatamente uma necessidade de perfeição e deseja, no plano das idéias ao menos, gozar de uma sociedade em que reine a harmonia absoluta e que a dor desapareça por completo e para sempre. Esta tendência é muito útil, uma vez que impulsiona andar para frente, porém se torna nociva se, sob o pretexto de que não se pode alcançar a perfeição e que é impossível suprimir todos os perigos e defeitos, nos aconselha a descuidar daquelas realizações possíveis para continuar no estado atual.

\*\*\*

Todavia, devemos reconhecer que não temos nenhuma solução para remediar os males que provenham do amor, pois não se podem destruir com reformas sociais, nem se quer com uma mudança de costumes. Estão arraigados em sentimentos profundos, poderíamos dizer fisiológicos, do homem e não são modificáveis, quando o são, senão por uma lenta evolução e de um modo que não podemos prever. Queremos a liberdade; queremos que os homens e as mulheres possam amar-se e unir-se livremente sem outro motivo que o amor, sem nenhuma violência legal, econômica ou física. Porém a liberdade, ainda sendo a única solução que podemos e devemos oferecer, não resolve radicalmente o problema, visto que o amor, para ser satisfeito, tem necessidade de duas liberdades que concordam e que algumas vezes não concordam de modo algum; e visto também que a liberdade de fazer o que se quer é uma frase desprovida de sentido quando não se sabe querer alguma coisa. É muito fácil dizer: "Quando um homem e uma mulher se amam, se unem; e quando deixam de amar-se, se separam". Porém, seria necessário para que este princípio converta-se em regra geral e segura de felicidade, que se amem e cessem de amar-se ambos ao mesmo tempo. E se um ama e não é amado? E se um ainda ama e o outro já não lhe ama e trata de satisfazer uma nova paixão? E se um ama a um e a várias pessoas ao mesmo tempo e que não aceitam adaptar-se a esta promiscuidade? "Eu sou feio" - nos dizia certa vez um amigo. "Que farei se ninguém quiser amar-me?" A pergunta provoca risos, porém também nos deixa entrever verdadeiras tragédias. E outro, preocupado pelo mesmo problema, dizia-nos: "Atualmente, se não encontro o amor, o compro, ainda que tenha de subtrair-me o pão. Que farei quando já não haja mulheres que se vendam?" A pergunta é horrível, pois mostra o desejo de que haja seres humanos obrigados pela fome a prostituir-se; porém é também terrível... e terrivelmente humano. Alguns dizem que o remédio

poderia estar na abolição radical da família; a abolição da união sexual mais ou menos estável, reduzindo o amor somente ao ato físico, ou melhor dizendo, transformando-o, através da união sexual instintiva, em um sentimento parecido com a amizade, que reconheça a multiplicidade, a variedade, a contemporaneidade de afetos. E os filhos?... Filhos de todos. Pode ser abolida a família? É desejável que o seja? Façamos observar antes de mais nada que, apesar do regime de opressão e de mentira que tem prevalecido e prevalece ainda na família, está tem sido e continua sendo o maior fator de desenvolvimento humano, pois é na família onde o homem normal se sacrifica por seu semelhante e cumpre o bem pelo bem, sem desejar outra compensação que o amor da companhia e dos filhos. Porém, nos dizem, uma vez eliminadas as questões de interesses, todos os homens serão irmãos e se amarão mutuamente. Certamente, não se odiarão; é certo que o sentimento de simpatia e de solidariedade se desenvolveria melhor e que o interesse geral dos homens se converteria em um fator importante na determinação da conduta de cada um. Porém, isto ainda não é o amor. Amar a todo mundo parece-se muito a não amar ninguém. Podemos talvez socorrer, porém não podemos chorar todas as desgraças, pois nossa vida escorreria inteira entre lágrimas e, sem dúvida, o pranto da simpatia é o consolo mais doce para um coração que sofre. As estatísticas das disfunções e dos nascimentos podem oferecer-nos dados interessantes para conhecer as necessidades da sociedade; porém nada nos dizem sobre nossos corações. É-nos materialmente impossível entristecermos por cada homem que morre e nos alegrarmos de cada nascimento.

E se não amamos alguém mais vivamente que os demais; e se não há um só ser pelo qual não estejamos particularmente dispostos a sacrificarmos; e se não conhecemos outro amor que este amor moderado, vago, quase teórico, que podemos sentir por todos: não seria a vida menos rica, menos fecunda, menos bela? Não se veria diminuída a natureza humana em seus mais belos impulsos? Não nos veríamos, por isso, privados dos gozos mais profundos? Não seríamos mais desgraçados?

Ademais, o amor é o que é. Quando se ama fortemente se sente necessidade do contato, da posse exclusiva do ser amado. Os céus, no melhor sentido da palavra, parecem formar e formam geralmente uma só coisa com o amor. O fato pode ser lamentável, porém não pode mudar a vontade, nem se quer a vontade de quem os sofre pessoalmente.

Para nós o amor é uma paixão que engendra por si mesmo tragédias. Certamente estas tragédias não se traduziriam mais em atos violentos e brutais se o homem tivesse o sentimento de respeito à liberdade alheia, se tivesse suficientemente o governo de si mesmo para compreender que não se remedia um mal com outro maior, e se a opinião pública não fosse, como hoje, tão indulgente com os crimes passionais; porém as tragédias não seriam por isso menos dolorosas. Ainda que os homens tenham os sentimentos que têm - e uma transformação no regime econômico e político da sociedade nos parece suficiente para modificá-los por inteiro - o amor produziria ao mesmo tempo grandes alegrias e grandes dores. Poder-se-á diminuí-los ou atenuá-los, pela eliminação de todas as causas que podem ser eliminadas, porém sua destruição completa é impossível.

É esta uma razão para não aceitar nossas idéias e querer permanecer no estado atual? Assim se agiria como aquele que não podendo comprar vestes luxuosas preferisse andar nu, ou que não podendo comer perdizes todos os dias renunciasse ao pão, ou como um médico que, dada a impotência da ciência atual diante de certas enfermidades, se negasse curar as que são curáveis.

Eliminemos a exploração do homem pelo homem, combatamos a pretensão brutal do macho que se crê dono da fêmea, combatamos os prejuízos religiosos, sociais e sexuais, asseguremos a todos, homens, mulheres e crianças, o bem-estar e a liberdade, propaguemos a instrução e então poderemos regozijar com razão se não restam mais males que os do amor.

Em todo caso, os desgraçados no amor poderão procurar outros gozos, pois não sucederá como hoje, em que o amor e o álcool constituem os únicos consolos da maior parte da humanidade.

\*Traduzido do castelhano por Nildo Batata.

## COISAS NOSSAS:

▶ O Centro de Cultura Social reabriu em nova sede! Não poderia tê-lo feito sem o concurso de inúmeras pessoas: Beto (Mauá), Fabrício, Francisco Ripo, Robson Achiamé (RJ), Yara Nastari, Miriam e Sidnei, entre outros; devemos também o apoio financeiro de muitos dos sócios que gentilmente atenderam nosso apelo. Queremos aqui agradecer a todos nossos amigos e amigas que ajudaram direta e indiretamente na obra deste Centro: é desta colaboração que tiramos nosso entusiasmo!

▶ O Centro de Cultura Social registra e agradece a contribuição de USS 292,00 de Anita Aldigheri, viúva do companheiro Carlos Aldigheri. A doação total foi de USS 594,00 sendo que a outra metade foi destinada, conforme sua vontade, ao grupo de afinidade "Nosso Sítio". Esta companheira de 92 anos destinou a maior parte da sua aposentadoria a um ideal que ela e seu companheiro, enquanto vivo, perseguiram sempre. Agradecemos também a Virgílio Dal'occa que intermediou o contato com a Anita.

▶ Foi lançada mais uma publicação libertária: VERVE! Revista Semestral do Nu-Sol. Como o próprio título indica, VERVE "é uma labareda que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardência". Compre e leia!

▶ "Libertários", uma revista trimestral de expressão anarquista, já circula entre nós. Mais uma iniciativa da Editora Imaginário, há anos no cenário editorial anarquista. Confira, compre e divulgue!

▶ "Três Depoimentos Libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero e Diego Gimenez", uma excelente iniciativa organizada pelos companheiros de Santos e editada por Robson Achiamé. Um livro-depoimento de três velhos militantes do anarquismo, lançado em primeira mão no CCS. Na ocasião, tivemos o privilégio da presença de dois dos entrevistados, Rodrigues e Gimenez, e da família Cuberos. É certamente uma grande contribuição à memória do anarquismo.

▶ O editor Robson Achiamé está incansável! Em breve será lançado a bem merecida reedição da brilhante peça "Colônia Cecília (um pouco de ideal e de polenta)", da escritora e companheira Renata Pallottini. Marcado seu lançamento na sede deste centro, seremos brindados pela presença da autora e pela brilhante leitura dramática do grupo "06 de abril". É certamente imperdível!

### NOSSA PROGRAMAÇÃO CULTURAL 2º SEMESTRE DE 2002

A verdadeira cultura não é essa convencional que consiste na chamada boa sociedade e esquece de cultivar a vontade. Não é tão pouco o verniz da erudição com que procuram se adornar tantos literatos. A cultura bem entendida é a forjadora da personalidade humana em toda a sua integridade: consciência e ciência. A primeira forjadora de um critério pessoal, e a segunda, capacidade e instrumento para realizar o ideal: esse é o nosso objetivo. Sempre às 16:00h, Entrada Franca!

14/09/2002

Conferência:

"Clevelândia, anarquismo e repressão política no Brasil"  
pelo prof. **Alexandre Samis** (CELIP/RJ).

21/09/2002

Lançamento do livro:

"Colônia Cecília (um pouco de ideal e de polenta) - Teatro"

Robson Achiamé Editor.

Debate com a autora **Renata Pallottini**, e Leitura  
Dramática pelo Grupo de Teatro "06 de Abril"

Mini-Curso:

"VOZES DO ANARQUISMO"

28/09/2002

"PIERRE-JOSEPH PROUDHON"

Prof. da Fundação Getúlio Vargas **Fernando  
Prestes Motta**.

05/10/2002

"MIKHAIL BAKUNIN"

Por **José C. Morel**, físico, filósofo e membro do  
CCS.

19/10/2002

"PIETRO KROPOTKIN"

Profa. Un. Ribeirão Pires. **Marinice Fortunato**, por **Nildo Avelino**, sociólogo e membro do CCS.

26/10/2002

"ERRICO MALATESTA"



Gilvanildo Oliveira Avelino  
Av. Duque de Caxias, 42 apto. 145

Bairro: Santa Cecília - São Paulo / - SP  
CEP: 01214-000 - - Brasil

IMPRESSO